ANAIS
VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE
III SEMINÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UERGS/MONTENEGRO
2015

# Sintaxe musical: entendendo a aprendizagem da leitura de partituras musicais

**Bruno Félix da Costa Almeida**[1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
**Cristina Rolim Wolffenbüttel**[2]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

**Resumo:** Este texto apresenta um recorte da pesquisa que objetiva investigar a aprendizagem da leitura de partituras musicais com jovens estudantes. Partiu de questionamentos sobre como ocorre a aprendizagem da leitura de partituras musicais por parte de jovens estudantes. O desenho metodológico ainda se encontra em construção, todavia deverá se constituir a partir da realização de observações e entrevistas. A análise dos dados será elaborada tendo como base em estudos da psicopedagogia musical e da neurociência. Neste trabalho, em particular, são apresentados pressupostos teóricos que deverão compor o referencial teórico-analítico com o qual os dados coletados serão analisados. Esta investigação é realizada junto a uma escola pública municipal da cidade de Montenegro/RS, na qual desenvolvo atividades do PIBID/MÚSICA/UERGS.

**Palavras-chave:** Educação Musical; ensino e aprendizagem; leitura musical.

## Introdução

A partir da análise bibliográfica da psicologia da educação e neurociência, este artigo apresenta resultados qualitativos sobre como acontece o processo da cognição dos elementos sintático-musicais nos estudantes iniciantes de música, visando um

[1] Especialista em Ensino de Artes pela Universidade Cidade de São Paulo. Bacharel em Música – Habilitação em Piano, pelo Núcleo de Música da Universidade Cruzeiro do Sul, onde estudou com bolsa por mérito acadêmico. Formado em Piano pela Escola Municipal de Música – Departamento do Theatro Municipal de São Paulo e em Teclado pelo Conservatório Musical In'Concert. Atualmente cursa Graduação em Música: Licenciatura, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, além de desenvolver atividades como professor de música com ênfase no ensino de teoria e percepção musical, piano e teclado; Possui experiência na área de artes: música/educação e interpretação.

[2] Pós-Doutora e Doutora em Educação Musical pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Educação Musical e Licenciada em Educação Artística – Habilitação em Música, pela UFRGS. Especialista em Informática na Educação – Ênfase em Instrumentação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professora Adjunta do Curso Graduação em Música: Licenciatura, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Coordenadora do Curso Graduação em Música: Licenciatura, na UERGS. Coordenadora do Curso de Especialização em Educação Musical para Professores da Educação Básica. Coordenadora dos grupos de pesquisa *Educação Musical*: diferentes tempos e espaços (CNPq) e *Grupo de Pesquisa em Arte*: criação, interdisciplinaridade e educação (CNPq), da UERGS. Coordenadora de Área; Artes, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UERGS). Coordenadora dos *Centros Musicais*, do Programa *Brinca* e dos *Centros de Dança*, na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Representante do Rio Grande do Sul junto à Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM.

melhor direcionamento da metodologia de ensino da leitura de partituras utilizada pelos professores de teoria musical.

**Texto musical**

A música vem evoluindo desde a pré-história até chegar aos tempos atuais; mas, é a partir da Idade Média, que obtivemos os primeiros relatos do inicio da sistematização de uma escrita musical.

Grout e Palisca (2007, p. 79) descrevem a contribuição de um monge para o surgimento das primeiras notas musicais. De acordo com os autores "para o ensino da leitura à primeira vista, um monge do século XI, Guido de Arezzo, propôs uma série de sílabas, *ut*, *re, mi, fa, sol, lá,* para ajudar os cantores a memorizarem a sequência de tons ou meio-tons das escalas [...]". A partir deste e de outros dados históricos, que constituem o processo evolutivo da história da música ocidental, é possível chegarmos ao elemento de estudo desta pesquisa, a partitura musical.

Tendo em vista a interpretação e a assimilação dos elementos básicos da sintaxe musical, Bennett (2010), Med (1996) e Lacerda (1961) apresentam, em suas obras, gráficos e sinais musicais a serem aprendidos por estudantes de música ao longo de seus estudos iniciais da teoria musical: Pauta ou pentagrama; Claves – dentre as existentes: dó, fá e sol; Figuração rítmica – a serem identificadas, como determinantes de produção sonora: mínima, semínima, colcheia, semicolcheia, fusa e semifusa, e indicadoras de ausência de som: pausa de mínima, pausa de semínima, pausa de colcheia, pausa de semicolcheia, pausa de fusa, pausa de semifusa; Compasso; Fórmula de compasso; Sinais de alteração: sustenido, dobrado-sustenido, bemol, dobrado-bemol e o bequadro. Além desses elementos, é de suma importância saber as sete notas musicais (dó – ré – mi – fá – sol – lá – si). E, como complementação a estes dados musicais elementares, os autores relacionam os sinais de expressão, repetição, andamento, dentre outros que não serão abordados dentro deste estudo, visto que o direcionamento é voltado aos desenvolvimentos cognitivos do processo de compreensão do texto musical básico.

Trein (1986) salienta que:

> O valor da escrita musical é indiscutível em todos os esforços para compreender e realizar música. Sabemos que existe arte musical sem notas escritas. Também devemos aceitar a realidade de que a escrita musical é muito limitada para transmitir a ideia musical de uma maneira concreta. O que o músico tem à sua frente, a **partitura** musical, é um conjunto de sinais que indicam os sons e diversos fatores, como devem ser tocados, em linhas gerais, mas de uma forma que só pode ser considerado como indicação aproximada. (TREIN, 1986, p.10).

Trein (1986) afirma que a música é de caráter simbólico e abstrato, subtende-se que a escrita musical é apenas uma das formas organizadas para a constituição do som. “Som é tudo que ouvimos: o tique-taque de um relógio, uma porta batendo, um cão latindo, um carro mudando de marcha na ladeira, o vento nas árvores, uma voz soando no quarto ao lado e outra voz cantando na casa do outro lado da rua” (HOLST, 1987, p. 3). Tudo que ouvimos pode se transformar em um elemento constituinte de uma obra musical.

Após a sistematização dos elementos sintático-musicais e sonoros, apresentar-se a próxima seção, dos fatores pedagógicos da aprendizagem segundo a psicologia da educação e neuroeducação.

**Aprendendo como se aprende**

Com base na revisão da literatura sobre a interligação entre as áreas humanas e biológicas, levando em consideração estudos desenvolvidos por psicólogos, educadores, médicos e cientistas, a forma de aprendizagem e fixação dos elementos sintático-musicais será configurada para uma reflexão, com base em conceitos sobre o ensino da leitura de partituras e a ocorrência dessa aprendizagem.

A absorção da informação deve se cumprir de forma espontânea nos envolvidos no processo receptivo da aprendizagem musical, tendo o professor a função de estimular e motivar o educando, alimentando-o com as informações gradativamente e complexificando-as ao decorrer do desenvolvimento das atividades (GAINZA, 1988). Complementando, é importante que o conteúdo apresentado pelo professor seja enriquecido ao longo do desenvolvimento das atividades educacionais.

Moreira (1995) trata da teoria da aprendizagem, de Jerome Bruner, que propõe o currículo em espiral: “Currículo em espiral, por sua vez, significa que o aprendiz deve

ter oportunidade de ver o mesmo tópico mais de uma vez, em diferentes níveis de profundidade e em diferentes modos de representação" (p.38).

A afetividade é um dos elementos constituintes do processo de aprendizagem do educando, pois, conforme Gainza (1988), "todo processo de recepção induz de maneira imediata ou mediata uma resposta ativa no sujeito" (p. 28). O papel do professor na estimulação da aprendizagem, tendo em vista que a música provoca sensações corporais e psíquicas, explica as manifestações de ritmo, harmonia, melodia e timbres que o sujeito apresenta durante o processo de recepção da informação. Gainza (1988) explica que a "aprendizagem se concretiza com a aquisição – consciente ou não – de uma série de capacidades ou destrezas no campo sensorial, motor, afetivo e mental" (p. 34).

Para o psicólogo cognitivo Gardner (1995), que apresenta a teoria das inteligências múltiplas, e que foi "desenvolvida como uma explicação da cognição humana que pode ser submetida a testes empíricos" (p. 30) corrobora o pressuposto que, para o desenvolvimento cognitivo musical, o indivíduo deve apresentar habilidades para tal que pode existir a partir de vínculos biológicos que propendem à inteligência musical. A inteligência musical é a denominação dada pelo autor para as pessoas que desenvolvem habilidades musicais (GARDNER, 1995), ou seja, para que aconteça a aprendizagem de um instrumento musical, por exemplo, o indivíduo deve ter uma propensão genética.

Também é importante salientar que o autor defende que todos possuem certo grau de cada uma das inteligências por ele propostas. De acordo com Gardner (1995):

> Uma vez que todas as inteligências são parte da herança humana genética, em algum nível básico cada inteligência se manifesta universalmente, independentemente da educação ou do apoio cultural. Deixando de lado, no momento, as populações excepcionais, *todos* os seres humanos possuem certas capacidades essenciais em cada uma das inteligências. (GARDNER, 1995, p. 31).

Adentrando, a partir deste momento, aos aspectos neurocientíficos do processo da aprendizagem, e colocando em estudo o cérebro humano, a principal parte do nosso sistema nervoso, termos e denominações técnicas específicos das áreas biológicas não serão relacionados, a fim de facilitar a compreensão do estudo. São

várias as regiões do cérebro envolvidas no processo de aprendizagem musical; a visão e o tato, por exemplo, são alguns dos sentidos envolvidos.

Em neurociência, o processo de aprendizagem registrado no nosso cérebro é denominado sinapse, o qual ocorre quando há a interligação entre neurônios para a consolidação de uma informação aprendida. Porém, a sinapse se consolida com base nas repetições do mesmo processo. Consenza e Guerra (2011) explicam este processo:

> O treino e a aprendizagem podem levar à criação de novas sinapses e à facilitação do fluxo da informação dentro de um circuito nervoso. É o caso de um pianista que diariamente se torna mais exímio porque o treinamento constante promove alterações em seus circuitos motores e cognitivos, permitindo maior controle e expressão na sua execução musical. Por outro lado, o desuso, ou uma doença, podem fazer com que ligações sejam desfeitas, empobrecendo a comunicação nos circuitos atingidos. (CONSENZA; GUERRA, 2011, p. 36).

É possível observar, de acordo com os autores relacionados acima, que a repetição pode facilitar a consolidação da informação em processo de aprendizagem, mas o desuso do mecanismo aprendido pode levar à sua perda ou esquecimento. Sendo assim, “professores podem facilitar o processo, mas, em última análise, a aprendizagem é um fenômeno individual e privado e vai obedecer às circunstâncias históricas de cada um de nós” (CONSENZA; GUERRA, 2011, p. 38).

A aprendizagem significativa, proposta por David Ausubel, se consolida de maneira mais expressiva, se comparada ao processo de aprendizagem descrito pela neurociência. Para Ausubel, “a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em *conceitos ou proposições relevantes* preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz” (MOREIRA, 1995, p. 62). Logo, de acordo com Consenza e Guerra (2011), as ligações efetivadas por neurônios dentro do cérebro humano se torna cada vez mais fortes quando relacionadas com informações pré-existentes ou quando complexadas com a aprendizagem de novos elementos. Porém, quando não há elementos preexistentes, Moreira (1995) relata sobre a aprendizagem mecânica proposta por Ausubel, que ocorre quando há pouco ou nenhuma associação ao conteúdo apresentado no processo de cognição.

A psicologia e a neurociência apresentam estudos e relatos empíricos que contribuem com o profissional da educação. Seja a partir da afetividade, das

estimulações provocadas pelo professor e/ou da propensão genética, a aprendizagem musical pode envolver vários mecanismos para facilitar a consolidação do conteúdo pelo educando. Tendo em vista a atribuição das informações bibliográficas apresentadas e relacionadas, passemos às considerações finais desse estudo.

**Conclusão**

A evolução da música ocidental é a fonte motriz para chegar ao componente de análise desse estudo, visto que a necessidade de tornar cada vez mais objetiva a linguagem, mesmo deixando margem para diversas interpretações, do ponto de vista de quem a estuda, a partitura musical é um dos principais documentos que perpetua a marca cultural e histórica de períodos e povos. Por isso, a importância de se direcionar um trabalho específico que apresente informações sobre como ocorre à aprendizagem da leitura desses "textos musicais", voltado aos profissionais educadores que se dedicam ao ensino da compreensão desses elementos.

Partindo do pressuposto que o aluno não possui nenhum conhecimento prévio sobre leitura de partituras, conforme Ausubel descreve em sua teoria, não há conceitos subsunçores pré-existentes. Para Ausubel, é importante valorizar o que aluno já sabe e trabalhar com os conceitos já existentes, que são por ele denominados subsunçores, e que são a base da teoria da aprendizagem significativa. Desse modo, é importante que o professor apresente os elementos básicos ao educando, como as sete notas musicais, a pauta e as claves, justificando a importância dos mesmos para que as notas musicais sejam identificadas quando disposta no pentagrama. Estes procedimentos potencializam o aprendizado, e visam que este se torne fixo. A repetição de exercícios, como por exemplo, nomear notas na clave de sol, se torna necessário para que ocorra uma consolidação neural (sinapse).

O próximo passo será a complexificação dessas informações, assim como descrito na teoria da aprendizagem em espiral de Bruner, tornando-as subsunçoras para a aplicação da identificação da duração das notas musicais, a partir das figurações rítmicas. O papel do professor é fundamental nesse momento, pois o seu relacionamento com o aluno (o afeto) deve começar a ser estabelecido para que, gradativamente, ocorra o processamento de todas as informações de forma coesa.

Após a primeira etapa de apresentação, assimilação e fixação do conteúdo sintático-musical, o aluno estará munido de informações básicas suficientes para realizar a leitura de uma partitura em nível fácil, já podendo se utilizar desses elementos como subsunçores para a compreensão do texto musical.

Como complementação a esta pesquisa, propõe-se a aplicação em campo das informações aqui relacionadas, tendo em vista uma ampliação e o aprimoramento do ensino e da revisão da literatura utilizada, permitindo que o professor desenvolva suas funções junto às informações da psicologia da educação e neuroeducação, organizando seu sistema de ensino em prol da facilitação do aprendizado musical.

**Referências**

BENNET, Roy. **Como ler partituras**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CONSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1988.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude P. **História da Música Ocidental**. Lisboa: Gadiva, 2007. Disponível em www.wwnorton.com/college/music/grout7/home.htm

HOLST, Imogen. **Opus**: ABC da música. São Paulo: Martins fontes, 1987.

LACERDA, Osvaldo. **Compendio de teoria musical**. São Paulo: Ricordi do Brasil, 1961.

MED, Bohumil. **Teoria da música**. 4ª ed. Brasília: Musimed, 1996.

MOREIRA, Marco A. **Ensino aprendizagem**: enfoques teóricos. 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1985.

TREIN, Paul. **A linguagem musical**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.